

Wittgenstein entre os economistas: uma primeira aproximação*

Wittgenstein Among the Econs: a First Approach

José Ricardo Fucidji e João Victor Paulo Teixeira**

Resumo: Este artigo é uma tentativa inicial de mapear as influências cruzadas entre Ludwig Wittgenstein e os economistas de Cambridge J. M. Keynes e Piero Sraffa. O presente artigo é parte de um projeto mais amplo de pesquisa acerca da influência de Wittgenstein no trabalho de Keynes e Sraffa, ao longo de suas carreiras como professores na Universidade de Cambridge na década de 1930 em diante. Para fazê-lo, este artigo investiga as biografias e a literatura acerca das abordagens filosóficas contidas no pensamento desses economistas, para compreender as influências recebidas e (ao menos no caso de Sraffa) transmitidas ao austríaco.

Palavras-chave: Wittgenstein. Keynes. Sraffa. Metodologia econômica.

Abstract: This paper is a first start attempt at mapping cross-influences between Ludwig Wittgenstein and the Cambridge economists J. M. Keynes and Piero Sraffa. It is part of a wider research on the influences on and from Wittgenstein, Keynes and Sraffa along their carriers at the University of Cambridge, from 1930s onwards. To do so, this paper draws on biographies, correspondence and the literature on the philosophical thinking in these economists' thought in order of pointing out the received of (at least in Sraffa's case) transmitted to the Austrian philosopher.

Keywords: Wittgenstein. Keynes. Sraffa. Economic methodology.

JEL: B20. B31. B41.

* Submissão: 21/08/2023 | Aprovação: 29/08/2023 | DOI: 10.29182/hehe.v26i2.944

** Respectivamente: (1) Professor do Instituto de Economia da Unicamp, Brasil | ORCID: 0000-0002-8262-7899 | E-mail: fucidji@unicamp.br | (2) Mestrando em Desenvolvimento Econômico no Instituto de economia da Unicamp, Brasil | ORCID: 0009-0008-8888-8046 | E-mail: joaoteixeira.ie@gmail.com



Introdução

Mesmo sendo contemporâneos em suas respectivas trajetórias docentes em Cambridge e embora tivessem familiaridade com as ideias um do outro, pouco se examina a influência intelectual entre Wittgenstein e John Maynard Keynes¹ em suas teorias amadurecidas. Apesar de poucas evidências diretas sobre a influência do trabalho de um sobre o outro – a exceção é Favereau (2005) –, as contribuições de ambos à Nova Filosofia Realista da Escola de Cambridge no início do século XX, com o *Tractatus logico-philosophicus* (1921) e com *Um tratado sobre probabilidade* (1921), seguidos da rejeição de suas respectivas ideias de juventude e do amadurecimento acadêmico com semelhanças (ou afinidades) metodológicas-chave, com as *Investigações filosóficas* (1953) e *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda* (1936), sugerem que existem influências de cunho filosófico no trabalho um do outro – com Piero Sraffa e Frank Ramsey sendo “catalisadores” importantes desse intercâmbio de ideias; ou, por assim dizer, pontos de tangência no pensamento filosófico dos autores.

1. Wittgenstein e Piero Sraffa: a insuficiência da forma lógica

As ideias iniciais do jovem Wittgenstein se baseavam em sua suposição de que o significado de um termo ou nome consistia no objeto ao qual esse termo ou nome se referia (a chamada “visão fenomenológica”). A linguagem, no *Tractatus*, portanto, é compreendida como forma literal de representação ou espelho dos fatos sobre o mundo, como no exemplo abaixo:

1. O mundo é tudo que é o caso.²/ 1.1. O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas./ 1.11. O mundo é determinado pelos fatos, e por serem *todos* os fatos./ 1.12. Pois a totalidade dos fatos determina o que é o caso e também tudo que não é o caso./ 1.13. Os fatos no espaço lógico são o mundo. (Wittgenstein, 1921, p. 135)

¹ Keynes foi o principal articulador do retorno de Wittgenstein a Cambridge em 1929, inclusive hospedando-o nos primeiros dias. Também foi ele quem providenciou para que o filósofo obtivesse uma posição como docente naquela universidade. Em carta à sua esposa, Keynes se refere a Wittgenstein nos seguintes termos: “Bem, Deus acaba de chegar. Eu o encontrei no trem das 5:15. Ele tem planos de ficar permanentemente em Cambridge” (J. M. Keynes a Lydia Lopokova, 18 de janeiro de 1929; cf. Skidelsky 1992, p. 291).

² Também na tradução mais antiga – por José Arthur Gianotti, em 1968 – do alemão “Die Welt ist alles, was der Fall ist” para o português como “O mundo é tudo aquilo que ocorre”. Mesmo não sendo a tradução mais fiel da obra, a substituição de caso para o que ocorre pode ser um ponto de partida mais intuitivo da obra wittgensteiniana na língua portuguesa – sugere mais diretamente que o atomismo metafísico do *Tractatus logico-philosophicus* constrói um mundo por meio de representações dos estados das coisas nesse mundo.

A gênese da teoria de representação proposicional do mundo e a atribuição de significado wittgensteiniana no *Tractatus* surgiu enquanto o autor servia no *front* oriental, a bordo de um navio na Polônia russa, como voluntário no exército austríaco durante a Primeira Guerra Mundial. Foi durante o outono de 1914 que Wittgenstein iniciou um primeiro esboço da teoria da linguagem enquanto figuração. O filósofo teria formulado as ideias de sua primeira grande obra, pelo que se tem confirmado por pessoas que eram próximas a ele,³ ao ler uma notícia sobre um acidente automotivo em Paris, em que a recriação do ocorrido foi feita por meio de uma maquete:

[...] Wittgenstein leu numa revista uma reportagem sobre um processo em Paris envolvendo um acidente de carro. No tribunal, uma das partes havia apresentado um modelo do acidente e ocorreu-lhe então que o modelo podia muito bem representar, ou figurar, o acidente dada a correspondência entre as partes (casas, carros e pessoas em miniatura) e as coisas reais (casas, carros e pessoas). (Monk, 1995, p. 133)

Wittgenstein, assim, concluiu que a representação do acidente por meio de um modelo que *ilustrasse* o estado entre coisas envolvidas no fato, isto é, que correspondesse às suas devidas “coisas reais”, era uma boa analogia para a proposição de linguagem enquanto figuração do significado do mundo. Em registro em seu diário, Wittgenstein escreveu: “Na proposição um mundo é como que formado experimentalmente” (Wittgenstein apud Monk, 1995, p. 134). No *Tractatus*, portanto, a realidade tem como seu espelho a linguagem que articula os objetos em combinações lógicas verdadeiras ou falsas: “1.2 O mundo resolve-se em fatos/ 1.2.2 Algo pode ser o caso ou não ser o caso e tudo o mais permanecer na mesma” (Wittgenstein, 1921, p. 135).

O filósofo, como dito por ele no prefácio do *Tractatus logico-philosophicus*, acreditava que tinha desvendado o método de representação de significados que colocaria fim a quaisquer dúvidas que restaram no campo da filosofia. Segundo Wittgenstein, “[O *Tractatus*] trata dos problemas filosóficos e mostra [...] que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem” (Wittgenstein, 1921, p. 131). Essencialmente, traçou-se uma demarcação sobre o que a filosofia pode, consegue e *deve* falar:

“6.53. O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, *proposições da ciência na-*

³ Segundo Monk (1995, p. 133), Wittgenstein teria relatado o episódio ao filósofo Georg Henrik von Wright, seu sucessor como professor na Universidade de Cambridge.

tural – portanto, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significados a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas *esse seria o único rigorosamente correto.* / 6.54. Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.) Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente. / 7. *Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar.* (Wittgenstein, 1921, p. 281, grifo nosso)

Pode-se observar certo isolamento, no “silêncio wittgensteiniano”, do debate filosófico associado à metafísica atomística do *Tractatus* – um solipsismo, por assim dizer. Mas, nesse estágio do pensamento de Wittgenstein, é uma “solução” da filosofia ao *status* das ciências humanas: tudo aquilo que se faz relativo ou contextual não é contemplado de significado por não corresponder de maneira proposicional ao que o termo tenta representar no mundo.

De 1929 a 1946, Wittgenstein e Piero Sraffa, autor de *Produção de mercadorias por meio de mercadorias* (1960) – considerado um dos pioneiros na crítica da metodologia individualista atomística da economia neoclássica –, começam a se encontrar semanalmente para discussões acerca de seus trabalhos. Sraffa, apesar de economista, era interessado em filosofia e matemática, o que sugere que o início da relação dos dois tenha sido devido ao interesse por esses tópicos nos trabalhos de Wittgenstein. O economista italiano, durante os anos dessa amizade, teve um papel essencial em apontar os grandes equívocos – como já vinha fazendo com sua crítica à economia neoclássica – do atomismo filosófico de Wittgenstein (Chaparro, 2018, p. 27).

Piero Sraffa havia se notabilizado por suas críticas às funções de oferta marshallianas, sustentando que o conceito de equilíbrio parcial se torna equivocado quando consideradas as relações de interdependência entre firmas e agentes econômicos. Seus postulados econômicos, portanto, apoiavam-se em relações interconectadas e socialmente construídas. Para Sraffa (1960), a determinação marginalista dos preços, ao considerar a relação da formação destes por fatores subjetivos de demanda, era equivocada, pois ignorava a propriedade de produção de excedentes do sistema econômico e, conseqüentemente, a formação de preços na economia seguia uma determinação política de distribuição desse excedente (Davis, 2002, p. 389-390).

O próprio Piero Sraffa confirmou a Alessandro Roncaglia o episódio considerado como ponto de inflexão no pensamento wittgensteiniano – conhecido como “Anedota do Trem” – foi durante uma discussão entre Piero e Ludwig em uma de suas viagens. Wittgenstein teria insistido com Sraffa sobre sua tese de uma linguagem em que a forma lógica das proposições correspondesse fielmente ao objeto no mundo. O economista italiano então fez um gesto de escárnio a Wittgenstein e, logo em seguida, questionou qual seria a forma lógica daquele gesto. Por óbvio a mensagem de que se tinha intenção foi passada ao filósofo austríaco e, claramente, transmitiu significado por vias não proposicionais.

Wittgenstein e P. Sraffa, um professor de economia na Universidade de Cambridge, discutiam bastante sobre as ideias do *Tractatus*. Um dia (eles estavam em uma viagem, creio eu, de trem) quando Wittgenstein insistia que uma proposição e aquilo que ela descreve deve ser da mesma “forma lógica”, da mesma “multiplicidade lógica”, Sraffa fez um gesto, comum aos Napolitanos que significava algo como desgosto ou desprezo, que consistia em raspar a parte de baixo do queixo por meio de uma varredura para fora com a ponta dos dedos de uma mão. E [Sraffa] perguntou: “Qual é a forma lógica disso?” O exemplo de Sraffa provocou em Wittgenstein um sentimento de que havia um absurdo em insistir que uma proposição e aquilo que ela descreve deve ter a mesma “forma”. Isso o libertou do conceito de que uma proposição necessita ser literalmente uma “foto” da realidade que ela descreve. (Malcolm, 1958, p. 57-58).

Segundo seus comentadores (e.g. Davis, 1988; Sen, 2003), esse incidente pode ter contribuído para a transição do Wittgenstein do *Tractatus* para o Wittgenstein das *Investigações filosóficas*. E isso por pelo menos dois motivos: primeiro, como apontado, indica as reservas de Sraffa ao atomismo linguístico e mostra a insuficiência da “visão fenomenológica da linguagem”, afastando-o das influências de Frege e Russell; segundo, indicando a importância da “linguagem ordinária” (ou “visão fisicalista”) e das convenções sociais para o significado das proposições sobre o mundo – um tema também caro a Keynes, como se sabe, o que cria uma possível via de influência do economista inglês sobre o filósofo austríaco.⁴

⁴ A possibilidade de uma influência de Keynes para Wittgenstein é aludida, em toda a literatura pesquisada até o momento, apenas por Chaparro (2018, p. 22), e muito superficialmente. Merece, pois, uma investigação mais detida.

Os temas acerca da linguagem e da filosofia eram familiares e caros a Sraffa devido à sua amizade com o filósofo marxista Antonio Gramsci durante a década de 1920. Ambos trabalharam juntos na revista *L'Ordine Nuovo*, fruto de um grupo estudantil socialista de que faziam parte, além de sua proximidade com o Partido Comunista Italiano. Para Gramsci, enquanto preso e escrevendo *Os cadernos do cárcere*, a linguagem já vinha sendo assunto de investigação na Itália pelo menos desde os anos 1920 por conta dos projetos de padronização da língua italiana pelo governo Mussolini. A medida proibia o uso de palavras estrangeiras como forma de legitimação de um espírito nacionalista e, como consequência, promovia uma aculturação dos diversos dialetos existentes no país (Chaparro, 2018, p. 28–29). É, portanto, nesse contexto, muito razoável inferir que Sraffa tenha absorvido as definições de *filosofia espontânea* de Gramsci, essenciais para sua crítica aos pressupostos de representação e significado contidos no *Tractatus* de Wittgenstein:

É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea”, peculiar a “todo o mundo”, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por “folclore”. (Gramsci, 1999, p. 93)

Portanto, a tese de Wittgenstein sobre a forma de representação do significado por meio de uma linguagem exclusivamente proposicional encontra suas limitações metodológicas no fato de diversos itens da linguagem não adquirirem significado pela representação de objetos no mundo em operações lógicas proposicionais. É complicado afirmar, assim, que dado objeto referenciado linguisticamente é o significado do termo: “Se nós fossemos dizer ‘N foi embora’, certamente não queremos dizer ‘o significado de ‘N’ foi embora’.” (Waisman 1965, p. 312–313 *apud* Davis, 1996, p. 435). Isso sem falar na possibilidade de termos linguísticos distintos tratarem do mesmo objeto e terem significados diferentes; e, ao contrário, termos distintos que possuem o mesmo significado tratando de objetos diferentes. Ainda nesse sentido, Frank Ramsey escreve sobre a situação limítrofe da representação por meio de proposições dependentes, em última instância, de tautologias – as chamadas “proposições elementares”, sempre verdadeiras. Ramsey aponta a insuficiência

da eterna derivação de contradições em busca de uma tautologia que, segundo ele, não se formaliza. Sobre a incapacidade do atomismo filosófico contido no *Tractatus* de contornar contradições, diz ele:

É um princípio [da teoria] do Sr. Wittgenstein, e, se verdadeiro, é uma importante descoberta, que toda proposição genuína afirma algo possível, mas não necessário. Isso decorre de sua ideia de proposição enquanto expressão de acordo ou desacordo com possibilidades-de-verdade de proposições elementares independentes, de tal forma que a única necessidade é a tautologia, e a única impossibilidade é a contradição. Existe uma grande dificuldade em sustentar essa afirmação; pois o Sr. Wittgenstein admite que um ponto no espaço visual *não pode* ser ao mesmo tempo vermelho e azul; e, de fato, senão, uma vez que ele pensa que induções não possuem base lógica, não devemos ter razão para achar que não podemos encontrar um ponto no espaço visual que é ao mesmo tempo vermelho e azul. Por isso ele fala que “Isso é vermelho e azul” é uma contradição. Isso implica que os aparentemente simples conceitos vermelho, azul (supondo que queremos dizer com essas palavras cores absolutamente específicas) são muito complexos e formalmente incompatíveis. Ele tenta mostrar como isso pode ocorrer, analisando-os em termos de vibrações. Mas mesmo supondo, portanto, que os físicos forneçam uma análise sobre o que entendemos por “vermelho”, o Sr. Wittgenstein está apenas reduzindo a dificuldade para aquilo que são propriedades *necessárias* do espaço, tempo, e matéria, ou o éter. Ele explicitamente faz [o conceito] depender da *impossibilidade* de uma partícula estar em dois lugares ao mesmo tempo. Essas propriedades necessárias do espaço e tempo são dificilmente capazes de serem novamente reduzidas da mesma forma. Por exemplo, considerando estar entre um ponto no tempo no que diz respeito às minhas experiências; se B está entre A e D, e C entre B e D, então C deve estar entre A e D; mas é difícil de ver como isso pode ser uma tautologia formal”. (Ramsey, 1923, p. 473)

Assim, em *Investigações filosóficas*, Wittgenstein conclui que a investigação da finalidade da linguagem é apenas parte do que envolve o significado. A linguagem não é atribuída a significados apenas por tratar do que “é ou não o caso”, então a compreensão da articulação de diversos mecanismos de linguagem sugere uma conclusão melhor sobre significados: “Veja a frase como instrumento, e seu sentido como seu emprego!” (Wittgenstein, 1953, p. 171). Ora, instrumentos e suas aplicações são sempre relativos às tarefas à mão, o que nos leva ao conceito de convenções e sua relação com os “jogos de lin-

guagem” relativos a comunidades específicas, ensejando uma ligação entre as obras maduras de Wittgenstein e Keynes.

2. Wittgenstein e John Maynard Keynes: tangências metodológicas

Em *Um tratado sobre a probabilidade*, Keynes afirmava que um processo de definição analítica que vai de termos complexos para os simples se desdobra em uma variedade de outros processos analíticos simples que apenas se sustentam em intuição. Assim, os agentes poderiam tomar decisões mediante sua capacidade de intuir em termos éticos aquilo que subjaz à realidade. Essencialmente, assume-se que os agentes tomam inferências probabilísticas como validações objetivas; tomando uma proposição como premissa e uma como conclusão, a relação de probabilidade entre as duas com o objeto deve ser igual (Ramsey, 1926 p. 9). Em suma, para Keynes, a intuição de um indivíduo era uma forma de ele inferir o que era moralmente correto e estatisticamente provável.

As concepções metafísicas da tomada de decisão na visão antiga de Keynes foram, por um lado, criticadas mais amplamente enquanto objetivismo ético, pelo fato de que a bondade (ou a boa decisão) não é um conceito objetivo na observação proposicional do mundo, sendo apenas um rótulo de aprovação (Davis, 1996). Keynes, assim como Wittgenstein, teve sua obra inicial criticada por Frank Ramsey por seus pressupostos solipsistas de inferências proposicionais:

Mas permita-me voltar à crítica mais fundamental das visões do Sr. Keynes, da qual a mais óbvia é que na realidade não há algo como as relações de probabilidade que ele descreve. Ele supõe que, a qualquer taxa em certos casos, elas conseguem ser identificadas; mas, falando por mim mesmo, tenho confiança que isso não é verdade. Eu não as percebo, e se eu for persuadido que elas existem, precisa ser através de argumentos; além do mais, eu astutamente suspeito que os outros também não as percebem, pois eles são capazes de chegar a tão pouco acordo sobre qual deles se relaciona com quaisquer duas proposições dadas. (Ramsey, 1926, p. 10)

Wittgenstein e Keynes, portanto, em suas teorias amadurecidas, parecem caminhar em uma direção de abandono dos pressupostos atomísticos em seus trabalhos, adotando uma abordagem metodológica de contextualização e

abraçando conceitos filosóficos apenas na medida dos propósitos em questão, por meio do convívio com seus colegas em Cambridge.

A teorização sobre “jogos-de-linguagem” nas *Investigações* confirma esse afastamento atomístico na teoria wittgensteiniana. A ideia consiste no fato de a linguagem ser utilizada com *propósitos*, não podendo ser compreendida sem se ater ao contexto no qual está sendo empregada. Ao que parece, o termo empregado, “jogo”, é perfeito nesse caso: por mais que exista uma miríade de jogos distintos, a única coisa que eles possuem em comum, aparentemente, é uma lista de conduta específica a cada jogo – regras propriamente ditas – a ser seguida para jogá-los *devidamente*. O que diferencia os jogos, assim, são as ações que os jogadores conduzem apropriadamente entre si conforme as regras de tal jogo. Se um jogador não joga conforme as regras, ele pode estar jogando outro jogo (ou jogo nenhum). Em paralelo, Wittgenstein parece se ater a um pressuposto de habilidade ou habituação com as regras de um “jogo-de-linguagem”. Isso significa que apenas a compreensão do regulamento não garante um comportamento adequado em qualquer jogo que seja – um bom jogador, ao que se constata, é aquele que se compromete com o treino.

N’*A teoria geral*, Keynes faz uso de um artifício metodológico semelhante ao que Wittgenstein elabora nas *Investigações*, dessa vez aplicado à compreensão da economia capitalista: as chamadas “convenções” que Keynes coloca como determinantes do investimento – preferência pela liquidez, propensão a consumir, eficiência marginal do capital etc. – são uma estrutura de expectativas individuais com objetivos distintos e que seguem um comportamento semelhante. Uma vez que um conjunto de indivíduos interdependentemente forma expectativas de longo prazo acerca dos investimentos possíveis em dada economia, a média expectacional sobre os investimentos cria um ponto de convergência para cada expectativa individual do grupo. Dessa forma, o processo de investimento é regido por convenção. Assim, para Keynes, o atomismo individualista do método adotado para explicar a tomada de decisão em *Um tratado sobre a probabilidade* é substituído pela ideia de interconexão entre os agentes e setores para explicar, por meio de “ações socialmente estabelecidas”, demanda agregada e nível de emprego (Davis, 1996, p. 441-442).

O cruzamento entre o interesse de Wittgenstein em reelaborar a teoria do significado por meio da linguagem com o interesse de Keynes em tratar dos padrões de comportamento dos indivíduos por convenções em domínios diferentes da economia nos permite a visualização do ponto de tangência

entre as teorias dos autores. Agir sob convenções pode ser interpretado como uma questão de significado. Conceber os valores de investimentos (representados por uma cifra dos custos ou dos retornos esperados) em termos de uma convergência referencial das expectativas pode ser um significado compartilhado entre os agentes investidores que tomam tais decisões. Esses valores representam um modo de comunicação fundamentado em convenções – ou regras, preferivelmente – entre indivíduos. Significado (no caso, da realidade) é fruto de prática social⁵. Assim, ao que parece, implicitamente, o que Keynes entende por convenções na economia, n'*A teoria geral*, pode ser colocado lado a lado com a ideia de significado contida nas *Investigações filosóficas* de Wittgenstein.

3. Comentários finais e direções de pesquisa

É possível que Keynes tenha se familiarizado indiretamente com os conceitos wittgensteinianos de significado por meio da teoria de interdependência setorial de Sraffa. Da mesma forma que foram, até aqui, pontuadas as tangências entre Keynes e Wittgenstein, o mesmo exercício pode ser feito entre Sraffa e Wittgenstein. O ponto de intersecção entre esses autores pode ser observado, por exemplo, na crítica sraffiana ao modelo de Marshall acerca dos determinantes de preços em condições de concorrência. Sraffa afirma que o pressuposto marshalliano de que os preços em cada mercado (equilíbrio parcial) são determinados somente pela contraposição entre oferta e demanda (tornando, assim, as relações entre variações de preços um fenômeno *indireto* entre os setores) é válido apenas em uma economia onde não há excedente – i. e., descartar a *convenção* (indiscutivelmente mais importante do modo capitalista de produção) de busca pelo lucro, o que soa completamente inadequado em uma economia capitalista. Assim, as variações de preços industriais, na concepção sraffiana são explicadas também “[...] de acordo com a natureza da regra que a sociedade adota para a distribuição do excedente” (Davis, 2002, p. 390). Portanto, o mesmo paralelo pode ser traçado entre o peso da regra nos “jogos-de-linguagem” de Wittgenstein e os determinantes dos preços em Sraffa.

⁵ Davis (1996) faz extensas referências à filosofia de Keynes a partir do artigo “My early beliefs” (Keynes, 1939). Neste texto Keynes aborda a sua reconciliação com a noção de convenções e a relação delas com o comportamento (e por extensão, com a tomada de decisão). Ver também Lawson (1993) sobre a noção de convenções em Keynes.

A semelhança entre convenções e jogos de linguagem e entre prática social e formas de vida é de extrema importância no que diz respeito aos pontos de tangência entre *A teoria geral* e as *Investigações filosóficas*, pelo fato de Keynes não investigar o conceito de *significado* em sua obra. Isso torna mais plausível a ideia de Keynes ter entrado em contato com a filosofia wittgensteiniana por meio de Sraffa – que, diferentemente de Keynes, estava familiarizado com a obra de Wittgenstein.⁶ Vale notar, contudo, que embora Wittgenstein atribuísse grande importância às trocas intelectuais que tinha com Sraffa, parece que o inverso não é verdadeiro. Partindo dessa constatação, Amartya Sen (2003) levanta a hipótese de que a influência tenha sido reversa, isto é, de Sraffa para Wittgenstein. De acordo com o argumento de Sen, o economista italiano teria sido o grande responsável pela “virada” no pensamento filosófico de Wittgenstein. Para Sraffa, porém, a dependência do significado em relação às práticas sociais não constituía novidade, familiarizado que estava com as discussões do círculo filosófico de Antonio Gramsci.

Tratar esse tema envolve não apenas estudar as mudanças intelectuais nos “anos de alta teoria” econômica, mas também o Círculo de Viena e a filosofia do positivismo lógico e ainda outros economistas que possam ter sido afetados pela filosofia wittgensteiniana, tais como Frank Ramsey, Friedrich Hayek e John von Neumann. É válido notar de passagem que, no período em que as filosofias de Keynes e Wittgenstein estão em mudança, coincide com o início de uma guinada em metodologia econômica – do apriorismo para o empirismo lógico (Hutchison, 2009) – que ignora (e, poder-se-ia mesmo dizer, está na contramão de) tais mudanças.

Assim, o argumento desta primeira aproximação é que Wittgenstein está no ponto de confluência de importantes transformações da teoria econômica do século XX. Se (e como) ele as afetou ou foi afetado por elas, é o objeto da investigação ainda a ser realizada. Um aspecto que merece especial consideração nesta rede de influências é investigar se (e como) esses economistas estavam explicitamente conscientes da importância da linguagem e da formação de narrativas no debate econômico.

⁶ Mais significativo é o fato de Wittgenstein e Keynes estarem modificando suas respectivas concepções filosófico- metodológicas praticamente ao mesmo tempo – outubro de 1929 para Wittgenstein; segundo semestre de 1933 para Keynes. Ver a evidência em Hintikka e Hintikka (1986) e Favereau (2005).

Referências

CHAPARRO, G. La transición del pensamiento de Wittgenstein y la influencia de los economistas de Cambridge. *Apuntes del Cenes*, v. 38, n. 67, p. 15-33, 2019.

DAVIS, J. B. Sraffa, Wittgenstein and neoclassical economics. *Cambridge Journal of Economics*, v. 12, n. 1, p. 29-36, 1988.

DAVIS, J. B. Convergences in Keynes and Wittgenstein's later views. *European Journal of the History of Economic Thought*, v. 3, n. 3, p. 433-448, 1996.

DAVIS, J. B. Gramsci, Sraffa, Wittgenstein: philosophical linkages. *European Journal of the Economic Thought*, v. 9, n. 3, p. 384-401, 2002.

FAVEREAU, O. Quand les parallèles se rencontrent: Keynes et Wittgenstein, l'économie et la philosophie. *Revue de Métaphysique et de Morale*, v. 47, n. 3, p. 403-427, 2005.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1926] 1999.

HINTIKKAA, M. B.; HINTIKKAA, J. *Investigating Wittgenstein*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

HUTCHISON, T. W. A formative decade: methodological controversy in the 1930s *Journal of Economic Methodology*, v. 16, n. 3, p. 297-314, 2009.

KEYNES, J. M. *A treatise on probability*. Londres: Macmillan, 1973 [1921]. Edição reimpressa em Cambridge: Cambridge University Press, 2016. (The collected writings of John Maynard Keynes, v. VIII)

KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Abril Cultural, [1936] 1983. (Coleção Os Economistas)

KEYNES, J. M. My early beliefs. In: KEYNES, J. M. *Essays in biography*. Londres: Macmillan, [1939] 1972. Edição reimpressa em Cambridge: Cambridge University Press, p. 433-451, 2010. (The collected writings of John Maynard Keynes, v. X)

LAWSON, T. Keynes and conventions. *Review of Social Economy*, v. 51, n. 2, p. 174-200, 1993.

MALCOLM, N.; WRIGHT, G. H. *Ludwig Wittgenstein: a memoir*. Oxford: Clarendon Press, 2001 [1958].

MONK, R. *Wittgenstein: o dever do gênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RAMSEY, F. P. Critical notices: "Tractatus Logico-Philosophicus" by Ludwig Wittgenstein. *Mind*, v. 32, n. 128, p. 465-478, 1923

RAMSEY, F. P. Truth and probability & further considerations e probability and partial belief. In: RAMSEY, F. P. *Foundations of mathematics*. Londres: Routledge & Kegan Paul, p. 156-198, [1926] 1978.

SEN, A. Sraffa, Wittgenstein, and Gramsci. *Journal of Economic Literature*, v. 41, n. 4, p. 1240-1255, 2003.

SRAFFA, P. *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*. São Paulo: Abril Cultural, [1960] 1983. (Coleção Os Economistas)

SKIDELSKY, R. *John Maynard Keynes, v. 2: the economist as saviour*. Londres: Macmillan, 1992.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, [1921] 1968.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, [1921] 2008.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Rio de Janeiro: Vozes, [1953] 2014.